

HENRI-IRÉNÉE MARROU: HISTORIADOR ENGAJADO, UM AUTOR ESQUECIDO

Henri-irénée Marrou: An Acting Historian, A Forgotten Author

*Éliane Marta Teixeira Lopes**

RESUMO

Henri-Irénée Marrou nasceu na França em 1904, em uma família católica do sul da França. Era casado, teve filhos e morreu em 1977. Fez seus estudos em História na Escola Normal Superior da Rue D'Ulm em Paris, trabalhou como professor em várias cidades da França e foi um militante em várias frentes. Seu principal trabalho foi sobre Santo Agostinho, mas escreveu e deu cursos sobre a educação na Antigüidade e sobre o conhecimento histórico, filosofia e metodologia. O objetivo desse artigo é reintroduzir na cena acadêmica esse historiador importante e trazer à reflexão as razões porque nos esquecemos tão depressa de alguns que nos formaram

Palavras-Chave: Henri-Irénée Marrou – Historiografia – Memória

ABSTRACT

Henri-Irénée Marrou was Born in France in 1904 in a Catholic family in the south of France. He married, had children, and in 1977 he died. He did History studies at the Escola Normal Superior at Rue D'Ulm in Paris, worked as a teacher in several French cities, and was an activist on various fronts. His principal work was about Saint Augustine, but he wrote and gave courses regarding education in antiquity and regarding historical knowledge, philosophy, and methodology. The objective of this article is to reintroduce this important historian into the academic scene and reflect upon the reasons why we have so quickly forgotten some of those who have shaped us.

Key words: Henri-Irénée Marrou, Historiography, Memory

* Professora Titular aposentada da FaE-UFMG. Professora do Mestrado em Educação, UninCor/Betim.

*A história é um esporte para a idade madura.
Henri-Irénée Marrou*

*Isso é importante(...) penso que, no campo científico, é necessário que haja mestres. Essa irradiação me impressiona e certamente deve corresponder a alguma coisa de real.
Jacques Le Goff*

Introdução

O livro que mais marcou minha formação de professora de História da Educação, não tenho dúvidas em afirmar, foi História da Educação na Antigüidade, de Henri-Irénée Marrou. Tenho ainda o mesmo exemplar, com a data 12-3-70¹. Foi reimpresso em 1969, pela Herder Editora da Universidade de São Paulo, a partir da edição de 1966 da mesma editora. A tradução foi feita pelo Professor Mário Leônidas Casanova. Alguns anos mais tarde, veio a leitura de Do Conhecimento Histórico e foi uma descoberta... como direi? Surpreendente? Maravilhosa.

Depois, fui descobrindo que já não são mais lidos: o primeiro porque já quase não há História da Educação na Antigüidade nos programas de ensino dessa disciplina e se há, não há tempo para ler um livro grosso; o segundo, porque não há uma edição no Brasil. Soma-se a isso o fato de que nos anos 80 não havia, digamos, diversidade e tolerância na seleção de nossa bibliografia e de gostarmos mais de autores que podemos convidar para eventos

Assim, este artigo é uma pequena Memória, para trazer à memória um autor esquecido. Talvez possamos dizer de “saldar dívida”. Talvez. Se for, já não é mal. Mas acho que é mais que isso.

Na Introdução da História da Educação na Antigüidade, vejo um parágrafo marcado com uma chave e lembro a estudante estudiosa que fui, insegura e desconfiada de tantas certezas que os livros de história da educação apresentavam. Se tudo que eu via e lia sobre a educação e sobre a sociedade brasileira, que era a minha, era tão mutante e errôneo como ter certeza de tudo que havia acontecido há mais de dois mil anos? Como dizer aos alunos que aquilo foi tudo e como se passou? Ainda não eram muito usuais as confissões intelectuais, assim eu roía a minha insegurança sozinha e muitas vezes aterrorizada.

No primeiro parágrafo, aquele autor, de quem eu – e por muito tempo - nada sabia, remetia a uma longa e explicativa lista de livros para justificar que muito já havia sido escrito sobre o assunto mas que valia a pena, no entanto, uma revisão geral e uma elaboração que integrasse em sua síntese, o acréscimo real dessas aquisições. A maioria das referências em alemão, outras em francês e ainda em inglês me instigavam a desvendamentos. Se o livro de Jaeger, que havia sido publicado em 1936, permanecia, para os estudos sobre a Grécia, uma referência obrigatória (e ainda hoje o é), os estudos sobre a época romana eram raros.²

O parágrafo marcado dizia-me, e talvez pela primeira vez eu ouvia/lia tal coisa, que

O conhecimento histórico, aspecto particular do conhecimento do homem, é essencialmente móvel e sempre provisório. Nossas idéias a respeito do homem, do mundo e da vida não cessam de transformar-se: não há assunto histórico que não seja necessário retomar periodicamente para reenquadrá-lo numa perspectiva exata, por haver-se modificado, entretantes, a visão de conjunto.³

Bem, então era isso mesmo. Tudo podia ser reescrito, nada era tão certo que não fosse passível de revisão. Mais à frente, uma frase que introduzia, para mim, as categorias do Outro e do Mesmo.

A fecundidade do conhecimento histórico reside sobretudo no diálogo que institui, em nós, entre o Outro e o Mesmo. Tornamo-nos diferentes de nossos pais o bastante para que a educação deles nos apareça, em

¹ Ano em que fiz, na FaE UFMG, o concurso para Auxiliar de Ensino que se chamava *venia legendi*.

² Cf.: RICHÉ, Pierre. *Henri-Irénée Marrou: historien engagé*. P.126. Este livro trouxe-me a inspiração e as muitas informações que me permitiram escrever este artigo. Todas as traduções são minhas.

³ MARROU, H.I. *História da Educação na Antigüidade*. p.3

*larga medida, sob a categoria do Outro: podem utilmente surpreender-nos nela muitas coisas que se opõem à nossa prática e às nossas aspirações. O leitor avisado poderá meditar, a bel prazer, a propósito de nossa exposição.*⁴

Depois, algum tempo depois, li outros textos que formataram e deram consistência a essas idéias.

Dois assuntos tratados no livro deixaram-me surpresa e talvez me dissessem, pela primeira vez, do engajamento do historiador. Com o subtítulo Moral Totalitária, o historiador que expunha a educação espartana em seus vários aspectos era também o cidadão francês que, em 1943, durante a ocupação da França pelos nazistas, assinou o contrato para começar a escrever o livro. Suas posições vão, resolutamente, declaradamente, contra o autoritarismo, contra a eugenia, sem se deixar cair nas teias da doença infantil do historiador, o anacronismo. Esse capítulo mostra bem o “historiador engajado” que Marrou era, posição que seria declarada e teorizada depois em seu livro sobre o método.⁵

A simples visão do título do capítulo III também me deixava com a impressão de que alguma coisa era nova neste livro tido como “careta” em meio às melhores e tantas modernas sociologias e filosofias: Da Pederastia como Educação⁶. Nele, incluindo um sub-capítulo sobre Safo (Safo educadora), adota as palavras de Xenofonte ao analisar as instituições em Esparta: *É-me realmente necessário falar aqui da pederastia, porque interessa à educação.* Esse (ainda) é um dos poucos capítulos que, na história da educação, ousa enfrentar o pundonor próprio do campo da educação. Certa vez, uma aluna, depois de encerrada a aula, chamou-me a um canto e, muito acanhada, com voz quase inaudível perguntou-me (eram os começos dos anos setenta ou realmente o fim dos anos sessenta?): professora, essa pederastia que ele fala aqui no título é aquela mesma...”coisa”? Nosso espanto tinha menos a ver com a proposição completa, que com as palavras: pederastia, homossexualismo, lesbianismo. Como ele ousava? Como não ousamos até hoje?

Marrou tomou a educação na Antigüidade como seu programa de curso em Lyon já com idéias para trabalhar no livro sobre o mesmo assunto. O livro é escrito com a ajuda dos estudantes que também tomam subtemas como assuntos de pesquisa e monografias; na primeira página do livro ele agradece a vinte estudantes a valiosa colaboração.⁷

Pierre Riché, seu biógrafo, conta-nos a história da recepção do livro entre os historiadores.

O livro apareceu enfim em 1948 e foi magnificamente acolhido. Ferdinand Lot, mesmo não sendo da mesma escola, fala de um ‘dos livros mestres de nossos tempos’ e consagra toda uma página à obra. Lucien Febvre saúda nos Annales essa obra monumental e magistral em todos os sentidos do termo - é Jacques Le Goff quem lembra. Mas lembra igualmente o julgamento de W. Seston, colega de Marrou na Sorbonne. Seston, do qual se conhecia a franqueza, dizia, em considerações bibliográficas: ‘no que diz respeito à história da educação há um livro que se impõe, é a Paideia de Jäeger. Se alguém não ler o alemão, pode conferir a adaptação que o Sr. Marrou deu-lhe em francês’. É preciso que se diga, acrescenta Le Goff, que Seston detestava Marrou; era o protestante em face do católico e depois, ao fim de sua vida, sua evolução política tornou a relação entre os dois ainda mais difícil; Seston dirigiu-se para a extrema direita e tornou-se terrivelmente ‘Algérie française...’⁸

Mais adiante, mostra as ressalvas que também Le Goff, e não apenas Seston, fez ao grande livro:

Reconhecamos que quando ele fala dos Bárbaros, o Mediterrânico, pode-se dizer, o Romano Marrou, está pouco a vontade. Ele utiliza as expressões ‘trensas da barbárie’ e mesmo dark ages.⁹

Para Le Goff, bem se compreende, o uso de tais expressões é inaceitável.¹⁰

O outro livro de Marrou tão importante quanto de curta vida entre nós – já mencionado acima -

⁴ MARROU, H.I. *História da Educação na Antigüidade*. p.5

⁵ MARROU, H.I. *História da Educação na Antigüidade*. p.33

⁶ MARROU, H.I. *História da Educação na Antigüidade*. p.51

⁷ Na edição brasileira não constam esses agradecimentos.

⁸ RICHÉ, P. p.127

⁹ RICHÉ, P. p. 131

¹⁰ Cf: LE GOFF, Jacques. Em busca da Idade Média.

é *Do Conhecimento Histórico*¹¹. *De la Connaissance Historique* foi publicado em 1954, pelas edições du Seuil¹², dedicado a Jean Laloy para comemorar 25 anos de amizade.

*No primeiro capítulo desse livro, Henri Marrou diz que pensa nesse estudo há vinte e cinco anos, logo, desde que começou sua tese de doutorado. Ele a defende em 1937, mesmo ano em que seu condiscípulo Raymond Aron defende a sua sobre "Introdução à filosofia da história". Marrou encontra nesse livro algumas idéias que lhe eram caras (...). Depois da guerra seu próprio trabalho avança e ele diz em uma carta a P. Flamand, em 14 de abril de 1944: "O segredo do meu otimismo é que eu não escrevo. Eu me contento em pensar em nosso futuro método histórico. As idéias cozinham em fogo baixo. É uma tal eufória! Será bom redigir no outono, quando estiver exilado nessa terrível Louvain"*¹³.

Uma testemunha¹⁴ conta como Marrou transmitia sua própria concepção de história:

Marrou não descarregava suas aulas como verdades eternas e indiscutíveis. Foi ele quem nos iniciou, antes mesmo de lermos suas obras, nos problemas epistemológicos da história. Os outros historiadores ensinavam história como se ela se fizesse por si. Marrou, ele, expunha questões fundamentais e fazia sentir, através de diferentes objetos de pesquisa, as imperfeições e os imprevistos do conhecimento histórico. Seus estudantes marxistas o apreciavam pouco porque ele abalava suas inclinações ao dogmatismo. A história que ele professava era uma história-questão. Ele passava em revista, a propósito de tal ou qual assunto, as diferentes 'respostas' que os historiadores precedentes haviam dado e as discutia antes de avançar prudentemente as suas.

Com o subtítulo "Marrou e os historiadores"¹⁵, Pierre Riché nos mostra a intrincada relação entre esses historiadores, seus colegas, fossem de sua geração ou não, e pergunta:

*Qual era o lugar do Marrou nas diferentes escolas históricas do tempo? Como veremos mais adiante, Marrou era bastante crítico em relação aos historiadores ditos positivistas. Citou-se freqüentemente sua frase: "Quando cheguei à Sorbonne em novembro de 1925, fui acolhido pela voz enfraquecida mas sempre convincente do velho Seignobos (Lucien Febvre e Marc Bloch estavam ainda 'exilados' em Strasbourg), o positivismo continuava sendo a filosofia oficial dos historiadores." Uma outra escola, aparentada com a dos positivistas foi a da 'história événementielle' ou 'historisante'. Faziam parte dela F. Lot e Louis Halphen, seu discípulo. Marrou sempre foi severo em relação a Lot."*¹⁶

Mas Marrou elogiou Lucien Febvre e Marc Bloch¹⁷ e suas concepções de uma história mais aprofundada e alargada com mais interlocuções com outras disciplinas e ampliação da noção de documento. No entanto, quando percebeu que as posições de Lucien Febvre poderiam conduzir as análises a um relativismo histórico, Marrou não estava mais de acordo.¹⁸

Com historiadores, alguns já veteranos na prática historiográfica, outros ainda jovens, Marrou mantinha uma relação às vezes ambígua, e é bom ressaltar, a ambigüidade era recíproca. Na resenha bastante crítica que faz do livro de J. Le Goff "A Civilização do Ocidente Medieval"¹⁹ na revista *Esprit*, Marrou declarou que era (e é) um grande livro que precisava ser levado a sério. E continua *de minha parte*

¹¹ A edição brasileira é de 1975, pela Livraria Martins Fontes Editora Ltda., por acordo com Editorial Aster, Lisboa, 1974. Tradução de Ruy Bello. Em contato informal com a editora, informaram-me que o livro está há muito tempo esgotado e não há previsão para reedição.

¹² O volume que tenho em mãos é da mesma editora, em formato de bolso, edição de 1975. É possível ainda encontrá-lo, mesmo em livrarias virtuais: Coleção Points Histoire No. 21, data de lançamento 01/01/1975; custa 7e,55, mas pode ser encontrado, na mesma livraria, com preço de ocasião por 2 e,50. www.alapage.com

¹³ RICHÉ, P. p. 167, 168.

¹⁴ M. Winock. *La République se meurt*, Paris 1978, p.154. Apud: RICHÉ, P. p. 169.

¹⁵ RICHÉ, P. p. 169.

¹⁶ RICHÉ, P. p. 171.

¹⁷ Os criadores principais da Escola dos Annales.

¹⁸ RICHÉ, P. p. 173.

¹⁹ O livro saiu em Paris, em 1964 pela editora B. Arthaud.

eu o li com ardor, com paixão, logo com cólera, com fúria. Mas também Le Goff não apreciava Marrou tanto assim, ainda que o convidasse de tempos em tempos para participar de seu programa radiofônico “*Lundis de l’histoire*”; mostra-se impressionado pelo brilho do professor e admira seus engajamentos políticos e cívicos muito corajosos, mas prefere não se estender sobre o assunto, como declara em uma obra mais recente.

Preferiria não me alongar no assunto, pois não tive oportunidade de freqüentar os seus cursos e porque não gostei de sua obra.(...) Nunca tive Marrou como professor, mas noto que também ele - como Ernest Labrousse, de quem voltaremos a falar, com um estilo muito diferente e sem a mesma audiência - teve discípulos da maior qualidade, que nutriam por ele um verdadeiro culto. Isso é importante(...) penso que, no campo científico, é necessário que haja mestres. Essa irradiação me impressiona e certamente deve corresponder a alguma coisa de real.

Quanto ao mais, sua abordagem me pareceu mais literária que propriamente histórica, mais humanista e filosófica também, e, diga-se, mais tradicional. Ele se permitia, dizendo-se amador, pequenas incursões fora de sua especialidade, o que é simpático: todos nós temos essa tentação - e a ela sucumbi algumas vezes - de escrever sobre períodos ou assuntos em que não somos especialista. Mas o seu florilégio de canções populares (sob o pseudônimo de crítico musical Henri Davenson²⁰) e seu livro sobre os trovadores são, a meus olhos, contestáveis. E o que ele escreveu sobre sua concepção de história não me foi de muita valia.²¹

Foi assim que a obra histórica de Marrou não figurou no *Dictionnaire de la nouvelle histoire*²² que incluía antropologia histórica, cultura material, imaginário, história imediata, longa duração, marginais, mentalidade, estruturas, e pequenas biografias de vários intelectuais.²³

A relação com o filósofo e sociólogo Raymond Aron²⁴ era antiga, havia começado na École Normale Supérieure da rue D’Ulm. Estando no Cairo, Marrou se surpreende ao ver o livro da tese de Aron, defendida em 1938, *Introduction à la philosophie de l’histoire*, e decide apresentá-lo aos leitores de *Esprit*, fazendo ainda, e mais uma vez, combate aos positivistas:

... um grande livro, A Introdução à Filosofia da História. Ensaio sobre os limites da objetividade histórica. Um livro que daqui para frente deverá servir de base à formação de todo jovem historiador francês no lugar da velha Introduction aux études historiques (1897!) de Langlois e Seignobos no qual seus antepassados buscaram em vão um alimento mais sólido: essa compilação de receitas de cozinha vulgar está para a verdadeira história como o pequeno Manual prático das indulgências está para a verdadeira fé cristã.²⁵

Marrou concorda com Aron quando diz que não há na história verdade objetiva, que o conhecimento histórico é como o conhecimento do outro, como o conhecimento de si, um caso particular do conhecimento do homem e participa de sua incerteza - de sua liberdade essencial. Mas também se distancia dele e faz a crítica a partir do próprio título de sua obra: ensaio sobre os limites da objetividade histórica, pois percebe que se mantém em Aron a idéia de que há uma objetividade possível. Marrou evoca o momento de preparação de sua tese sobre Santo Agostinho:

As questões que eu colocava a Agostinho e as idéias que me serviam para colocá-las (cultura, crise, etc.) vinham de mim e de nosso tempo. Daí a frase decisiva de Aron: ‘a teoria precede a história’²⁶.

²⁰ Marrou era, segundo nos conta Riché, um amante apaixonado da música, e esse foi o pseudônimo que usou sempre que fazia críticas musicais ou escrevia qualquer partitura ou texto referente à música. Veremos isso quando resumirmos, a partir de P. Riché, um perfil do homem que foi Marrou.

²¹ LE GOFF, Jacques. Uma vida para a história. p.47,48.

²² Na tradução que tenho: *A nova história*. Dirigida por Jacques Le Goff e Roger Chartier, Jacques Revel. Coimbra, Almedina, 1990.

²³ RICHIÉ, P. p. 174, 175.

²⁴ http://fr.wikipedia.org/wiki/Raymond_Aron

²⁵ RICHIÉ, P. p. 176.

²⁶ RICHIÉ, P. p. 177.

Segundo Riché, essa frase será constantemente retomada. Não podemos nos contentar em extrair o passado das fontes, é preciso infundir na obra conteúdos intelectuais e ideológicos e isso conduz à contínua incompletude da obra histórica, o que vem a ser a “Tristeza do Historiador”²⁷. Daí Marrou perguntar-se:

*a história reconhece suficientemente seu fracasso, sua incapacidade de atingir a verdade positiva? Em história, nada é seguro... não existe nenhum conhecimento histórico realmente objetivo, universalmente válido... e oferecer conclusões práticas: sejam humildes, conheçam seus limites. Aceitem de bom grado as exigências. Reconheçam que o historiador não pode eliminar uma subjetividade essencial pois o historiador é um homem que reflete sobre o passado dos homens, sobre seu passado.*²⁸

Mas ainda em relação ao livro *Do Conhecimento...* Pierre Riché começa por nos alertar: *O próprio título do livro – Do Conhecimento Histórico – é um programa. Ele se opõe ao conhecimento do passado.* Sutil diferença que faz toda a diferença!

Marrou elabora suas reflexões a partir da leitura de Collingwood, W. Dilthey e R. Aron, a elas acrescenta sua experiência de historiador e é disso que se faz a sua aversão ao positivismo que pretende fazer da história uma ciência objetiva e que o faz também descartar a noção hegeliana de uma filosofia da história, de uma especulação sobre o futuro da humanidade. Aproximando-se ou distanciando-se desses autores, diz Marrou: o verdadeiro problema é um problema kantiano, ou seja: em que condições o conhecimento histórico é possível?²⁹ Seu projeto é o de uma história não-objetiva mas não totalmente subjetiva, pois o perigo do relativismo sempre existe. Reconheçamos que essa é uma discussão contemporânea e, ao que parece, sem prazo para ser concluída.

Segundo ele, para fazer história, é preciso ter certas qualidades. A riqueza do conhecimento histórico é diretamente proporcional àquela do historiador. *A história é um esporte para a idade madura* que necessita de grande experiência e de riqueza interior. *“O historiador deve ser um homem plenamente homem, aberto a tudo que é humano e não deve se atrofiar como um rato de biblioteca e de caixa de fichas.”*³⁰ Marrou acrescenta que, entre as qualidades do historiador, deve figurar a humildade, pois sabe que jamais ressuscitará o passado, como queria Michelet. Riché lembra-se do conselho que Marrou dava àqueles que faziam uma tese em história: *Assim que tiverem explorado 75% da mina, podem encerrá-la. Ou bem não há mais nada a extrair dela ou bem é preciso deixar que os sucessores continuem a exploração. Uma tese não deve ter mais de 300 páginas...*³¹

A recepção desse livro foi tão calorosa quanto crítica.³² Foi traduzido em várias línguas, foi objeto de resenhas elogiosas como a de Ariès. Talvez em consequência desse sucesso, houve vários convites para obras de caráter geral e duradouro.³³ Riché acrescenta que as idéias de Marrou foram em parte retomadas por Paul Veyne e Paul Ricoeur.³⁴

Para muitos jovens pesquisadores esse livro foi uma revelação, dir-se-ia mesmo uma liberação, como o disse em seu *Mémoires*³⁵ P. Vidal-Naquet, o helenista que também leu e aprendeu com a História da Educação na Antigüidade e em muitos encontros que teve com o professor.

Eu dissertava sobre Michelet e encontrei pela primeira vez um enunciado de Henri Davenson (Henri Marrou) recolhido em uma homenagem a Bergson nos Cahiers du Rhône. Ele me acompanhou até minha defesa de tese, em Nancy, 19 de janeiro de 1974, e mesmo além: “O trabalho histórico não é a evocação de um passado morto, mas uma experiência viva na qual o historiador engaja a vocação de seu próprio destino.”

²⁷ Riché refere-se ao artigo de Marrou, publicado na revista *Esprit*, sob o pseudônimo de Davenson, *Tristesse de l'historien*. P.175.

²⁸ RICHÉ, P. p.177

²⁹ MARROU, H-I. *De la Connaissance Historique*. P.48.

³⁰ MARROU, op.cit. 103 apud: RICHÉ, P. p. 182

³¹ RICHÉ, P. p.113

³² RICHÉ, P. *Accueil du livre*. p. 184 – 188

³³ Em 1961, a convite de Charles Samaran, Marrou escreve para a Enciclopédia La Pléiade e em seguida vai ser usado nos manuais de Pierre Chaunu, de Guy Bourdè e Hervé Martin *Les écoles Historiques*, de Antoine Prost *Leçons sur l'histoire em 1996*, e mesmo mais recentemente, em 1999, por Jean Leduc *Les Historiens et les temps*.

³⁴ VEYNE, Paul. *Comment on écrit l'histoire*. Paris 1971. RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris Seuil, 2000. A comparação e a constatação (ou não) de pontos nas obras desses autores pode ser um programa de trabalho muito interessante...

³⁵ VIDAL_NAQUET, Pierre. *Mémoires*. La brisure et l'attente 1930-1955. p.184

Quanto às críticas... não foram poucas. A resenha da revista *Annales* foi feita por G. Gurvich, uma resenha cheia de sarcasmos e ironias. A crítica de Fernand Braudel, nome já então importante na pesquisa historiográfica e histórica, foi feita em seu livro *Escritos Sobre a História*.

*O discurso de Marrou, interessante e fino, para meu gosto excessivamente atento talvez aos espetáculos isolados de uma história da Antiguidade e excessivamente mergulhado no pensamento de Max Weber (...) E, por favor, não engrossemos além da medida o papel do historiador, mesmo com H maiúsculo.*³⁶

As relações entre Marrou e Braudel eram muito distantes, os dois homens não partilhavam a mesma cultura e Braudel era impermeável aos problemas religiosos. Enfim, já o dissemos, Marrou “historiador católico” foi ignorado pelos adeptos da “Nova História”.³⁷

Vale a pena também destacar que Marrou se interessou pelos trabalhos de Michel de Certeau e comenta seu livro *A escrita da história*, lançado em 1975, que, diz ele,

*desenvolve com uma virtuosidade brilhante e de maneira exemplar a tendência que ele mesmo evoca aqui. Como o dito de Certeau ‘fazer história’ é uma prática que chega à produção de um discurso, operação final, a escritura ela mesma responsável pela distorção, inversão, traição e ardis suplementares. ‘O essencial é que como todo outro conhecimento científico, a história deve atingir seu objetivo: um conhecimento verdadeiro da realidade passada.’*³⁸

Marrou: um católico engajado na política de seu tempo

Marrou era um intelectual militante. Em uma das frentes de sua militância, militava pelo cristianismo, pelo catolicismo; em outra militava pela Resistência, militava em sindicatos de professores, militava contra a tortura na guerra da Argélia. A frase citada a seguir pode dar a dimensão da relação entre ser um intelectual e um homem de ação: *O problema não é ser uma caixa de fichas, mas tornar-se um homem culto, isto é, servir-se de seus conhecimentos para resolver os problemas da ação.*³⁹

Vou dar o exemplo da guerra da Argélia e deixar as outras formas de exercício de militância para aqueles que forem ler o livro de Riché. Aliás, não me sinto muito à vontade, nem mesmo sou muito indicada, para falar de seus outros exercícios militantes. No entanto, é preciso deixar ressaltado, que é sua visão de mundo cristã e católica que atravessa seu militantismo de esquerda.

Diante do agravamento dos métodos de repressão na Argélia, Marrou, depois de assinar moções e petições que lhe valeram inimigos nas fileiras acadêmicas, decide falar. No jornal *Le Monde* de 05 de abril de 1956, aparece como “libre opinion” um artigo <<France ma patrie>>, assinado por Henri Marrou, professor da Sorbonne. O autor protesta, não como jornalista profissional ou político, mas como simples cidadão atormentado por sua consciência, contra os meios infectos que são os campos de concentração, a tortura e a repressão coletiva. Ninguém antes dele havia se pronunciado assim em um grande jornal e o poder reage. O poder (leia-se o governo) considera o que foi dito uma tentativa de desmoralização das forças armadas, do exército e foi ordenada uma busca na casa do professor. *Os policiais encontraram muitas alusões à África do Norte... mas nos tempos de Santo Agostinho.* Essa busca repercutiu na Assembléia, nos ministérios, voltou ao *Le Monde* e mesmo na sala de aula como contam seus alunos de então. Alguns meses mais tarde, volta a escrever, desta vez deixando clara a articulação entre combate por direitos, patriotismo e cristianismo: *Témoignage chrétien: France, prends garde de perdre ton âme.*⁴⁰

O Retrato do Mestre feito por Pierre Riché como conclusão do livro, mostra-nos, de maneira breve, seu aspecto físico, seu caráter, seus amigos e sua relação com eles, seu rigor moral, e o homem de

³⁶ Histoire et Sociologie in: *Écrits sur l'histoire*. Paris, 1969. In: RICHÉ, P. p. 186

³⁷ RICHÉ, P. p.186.

³⁸ RICHÉ, P. p. 187

³⁹ Riché R. p. 71, citando um discurso de Alain Rostagnat, aluno do curso de história antiga de Marrou entre os anos 1942-45 em Lyon. O autor recolheu inúmeros depoimentos (em cartas ou de viva voz) de ex-alunos de Marrou que, infelizmente não posso reproduzir aqui. Digo infelizmente porque eles nos bem a dimensão da ação desse pesquisador enquanto ensinava.

⁴⁰ RICHÉ, P. p. 241, 242, 243.

fé que nunca deixou de ser. A respeito desse seu último traço, mas não o menos importante, Michel Winock⁴¹ assim se expressou

Marrou era cristão – vivendo sua religião em todos os instantes de sua vida – mas ele distinguia seriamente o historiador cristão do historiador clerical. O historiador cristão, dizia ele, não pode julgar ou senão estará substituindo Deus. Aqui em baixo, a cidade do bem e a cidade do mal são inextricavelmente misturadas. Daí se alastra a ironia severa de Marrou em relação de todos os carolas, que na história sabem distinguir o Bem do Mal. Mas essa concepção de história não poupa evidentemente nenhum dogmatismo – fosse ele materialista. Nós todos participamos de alguns cursos de liberdade.

Em nosso país, o Brasil, temos outra tradição: nem todos defendem claramente seus pontos de vista; nem suas posições – políticas ou religiosas - direita, esquerda, centro, cristão, católica, comunista, são claras; nem sempre foi possível declarar posições e pontos de vista sem arcar com conseqüências funestas e às vezes fatais; nem sempre criticamos, nem sempre gostamos de ser criticados... apenas esquecemos e fazemos esquecer. O discurso do dia na educação é pela defesa da diferença, contra a exclusão: desde que...

Marrou: o professor de História da Educação

Entre 1941 e 1945, Marrou deu aula na universidade de Lyon. Antes disso, decepcionado com a ocupação e alarmado com a crescente ascensão do nazismo, participa de movimentos de resistência escondendo refugiados, transportando material “subversivo”, e refundando com Emmanuel Mounier a revista *Esprit*, que logo depois será fechada.

Em 1941, Marrou chega a Lyon na volta às aulas e começa seu curso de História Antiga fazendo rapidamente sucesso entre os estudantes: *a sala onde ele dava o curso ficava cheia de uma audiência atenta, apaixonada e enfeitiçada por suas palavras espirituosas com as quais ele enfeitava suas proposições*⁴².

Em novembro de 1942, foi encarregado de fazer o discurso para a volta às aulas na Universidade e escolhe como tema A história e a educação. No momento em que os alemães desfilam pelas ruas de Lyon, ele diz palavras que marcam posição e entra para a memória dos que assistiram:

*Sua cadência muito particular, o ritmo de sua voz inimitável e arquejante projetavam frases de uma absoluta transparência, tomada de Roma em 410, recusa em baixar os braços[...]*⁴³

Desse discurso⁴⁴, traduzo seu final:

A prática do trabalho histórico desenvolve o sentido deste sabor insubstituível do acontecimento, ela nos faz contemporâneos do ato no momento da ação e nós aprendemos nessa escola que o acontecimento antes de tornar-se um passado para sempre inapagável, foi o futuro para os homens de ação que o viveram e um futuro imprevisível. Aí está, creio, a mais preciosa, a mais fecunda das lições da história: ensinando-nos a sentir o que permanece de radicalmente contingente no ato histórico, enquanto vivido em um certo momento de sua vida pelos homens bem reais e vivos como nós, ela é uma escola de liberdade e de vontade. Há ciências que ensinam o homem a prever; o valor paradoxal da história é de nos fazer sentir que ela é radicalmente imprevisível; por aí ela libera nossa liberdade de toda submissão a um destino ao qual se resignariam nossas apatias; por aí ela exalta nossa vontade de não aceitar que a história seja escrita antes que tenhamos provado sobre ela a força pela qual nós nos sentimos animados. A história nos ensina, por exemplo, que não há derrota que não possa ser superada se se recusa a ela se resignar; que não há povo que possa desaparecer se ele se recusa a se abandonar; que não há situação que se possa chamar de desesperada para quem tem a alma bem moldada na recusa do desespero. Tal

⁴¹ Michel Winock é cientista político especialista em história dos intelectuais. É autor do Dicionário dos intelectuais franceses e do Século dos intelectuais

⁴² RICHÉ, P. p.72

⁴³ MANDOUZE, André. *Mémoires d'outre siècle*. Paris, Viviane Hamy, 1999. In: RICHÉ, P. p. 76.

⁴⁴ RICHÉ, P. Anexo I. p. 361. Discours de Rentrée de l'Université de Lyon (novembre 1942). Discours de M. le Professeur Marrou. L'HISTOIRE ET L'ÉDUCATION. Annales de l'Université de Lyon, 1943, p.26-30.

é a lição que um historiador retira da troca cotidiana com a história; é a lição que um estudante de história pode retirar dos anos de estudo que lhe consagra. Terei o direito de imaginar que este estudo não terá sido inútil nem para ele, nem para o país a que ele deve servir?

Referências Bibliográficas

- LE GOFF, Jacques. *Em busca da Idade Média*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.
- LE GOFF, Jacques. *Uma vida para a história*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.
- RICHÉ, Pierre. *Henri-Iréné Marrou historien engagé*. Paris, Les éditions du Cerf, 2003. (Prefácio de René Rémond)
- RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris Seuil, 2000.
- VEYNE, Paul. *Comment on écrit l'histoire*. Paris, 1971.
- VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mémoires*. La brisure et l'attente 1930-1955. Paris, Seuil, La Découverte, 1995.

Obras de Henri Marrou

Em português:

- História da Educação na Antigüidade. São Paulo, Editora Herder. Editora da Universidade de São Paulo. 1969.
- História da Educação na Antigüidade. São Paulo, EPU. ?

Em francês:

- Fondements d'une culture chrétienne. Paris, Bloud & Gay, 1934 ;
- Saint Augustin et la fin de la culture antique. Paris, De Boccard, 1938 (thèse principale) ;
- MOYEIKOE ANHP. Etude sur les scènes de la vie intellectuelle figurant sur les monuments funéraires romains. Grenoble, Didier & Richard, 1938 (thèse secondaire) ;
- Traité de musique selon l'esprit de saint Augustin. Paris, Le Seuil, 1942 ;
- Le livre des chansons ou introduction à la connaissance de la chanson. Paris, Le Seuil, 1944 ;
- Histoire de l'éducation dans l'Antiquité, Paris, Le Seuil, 1948 ;
- L'ambivalence du temps de l'histoire chez saint Augustin. Paris, Vrin, 1950 ;
- De la connaissance historique. Paris, Le Seuil, 1954 ;
- Saint Augustin et l'augustinisme. Paris, Le Seuil, 1955 ;
- Les troubadours. Paris, Le Seuil, 1961 ;
- Nouvelle histoire de l'Eglise. Tome I, 2e partie: De la persécution de Dioclétien à la mort de Grégoire le Grand. Paris, Le Seuil, 1963 ;
- L'Église de l'Antiquité tardive 303-604*. Paris, Le Seuil, collection « Points Histoire », 1985 (réédition séparée du titre précédent) ;
- Théologie de l'histoire*. Paris, Le Seuil, 1968 ;
- Patristique et humanisme*. Paris, Le Seuil, 1976 ;
- Décadence romaine ou antiquité tardive?* Paris, Le Seuil, collection « Points Histoire », 1977 (posthume) ;
- Crise de notre temps et réflexion chrétienne (1930-1975)*. Paris, Beauchesne, 1978 (posthume).
- http://fr.wikipedia.org/wiki/Henri-Ir%C3%A9n%C3%A9_Marrou
- Catégories: Historien français | Naissance en 1904 | Décès en 1977